alma humana e pode ser experimentado de modos bem diversos. Há, com efeito, muitos caminhos para chegar ao centro, somente não cabe ao homem estabelecê-lo. Também não cabe a ele decretar as formas do divino na alma, porque a semelhança com a imagem do centro é apenas analógica.[101] E certamente não é dado à maioria dos homens realizar este grau de plenitude que uma Teresa de Ávila atingiu no fim de sua vida. Aliás, muito poucos homens teriam a coragem e a resistência de passar pelo cadinho de tantos sofrimentos que, em muitos casos, os levaria à morte física ou, pelo menos, à desintegração da personalidade e mesmo à loucura.

O centro da alma, enquanto imagem de Deus é, pois, a expressão das possibilidades de vida espiritual que existem no ser humano; e esta vida atualizada repõe a alma num estado paradisíaco. Seu papel é o de dar um sentido à vida do homem a fim de que ele encontre em si próprio com que expandir-se e desse modo alcance a plenitude de sua existência pessoal. Com efeito, esta imagem e seu dinamismo conferem à vida uma dimensão e um fim além da condição humana habitual e limitada, tal como é conhecida pelo eu consciente e pelo entendimento. A questão que o homem coloca para si sobre o sentido da vida, sobre sua condição, etc., encontra, então, uma resposta no âmbito dos limites humanos. Toda a finalidade do místico consiste em restaurar esta estrutura íntima da alma, de torná-la manifesta nos atos da vida cotidiana; de fato, trata-se de adquirir um novo modo de ser, de agir e de pensar anterior àquele da queda. Trata-se de restaurar uma ordem primordial na alma humana conforme as exigências profundas do ser.[102]

A interpretação cristã da *Imago Dei* ensina-nos a ubiqüidade do centro divino no homem, o qual, como quer que se aborde, permanece sempre um mistério. O centro, enquanto modo de ser e de vida que o homem conheceu no início da humanidade, no paraíso terrestre, tem, para quem acredita na doutrina cristã, uma dimensão natural e histórica. Realmente, a vida do centro foi um estado natural do homem, e toda a evolução interior consiste em reencontrar o estado do homem primordial e original, criado à imagem de Deus. O termo da vida humana corresponde a um

[101] «Se há muitas moradas no céu, há também muitos caminhos para lá chegar». **Vida** XIII-13.

[102] Por não ter notado a importância do tema da **Imago Dei** e do centro, o Pe. Oechslin terminava seu erudito trabalho nestes termos: «Acaso será necessário admitir que nosso ser possua natural e inconscientemente uma reserva de potência que explique tal desabrochamento da personalidade? Exigem tais fatos, pelo contrário, uma ação transcendente de Deus», in op. cit. — Conclusão. Os mitos, inclusive a doutrina cristã, são em particular a expressão exterior de conteúdos interiores e inconscientes.

retorno à origem, e neste sentido aparece como um eterno retorno, no qual se confundem o fim e a origem numa unidade histórica e a-histórica. Histórica, porque o homem vive na história, mas igualmente a-histórica, porque o arquétipo do paraíso terrestre transcende o homem individual a cada momento histórico. Restaurando em si esta imagem, o homem transcende também, de certa maneira, a história, do mesmo modo que Cristo, do ponto de vista teológico, transcende o espaço e o tempo.

A psicologia teresiana aparece-nos, então, como uma psicologia mística no sentido de que é uma psicologia dos mistérios da alma vivida nos limites da fé cristã, porque os mistérios da alma são os mistérios da vida de Cristo, que é a imagem do centro. A vida de Cristo aos olhos do cristão desenrolou-se numa época e num lugar precisos, tem uma consistência histórica e, no entanto, transcende o espaço e o tempo. Por isso ela é uma realidade mítica. O não-crente reterá sua atenção no fato, apenas enquanto realidade mítica. Contudo, cristão ou não, o homem não pode escapar às realidades da alma, às suas leis de desenvolvimento. E' específico do místico cristão viver a condição humana, reconhecendo nela uma significação cristã, fazendo sua a fé cristã. Em conseqüência, sua vida é alçada a uma dimensão crística, universal e divina. Cada situação existencial de sua vida pessoal é remetida à de Cristo, sendo sua fé que lhe permite aceitar mais facilmente sua condição. Para ele, portanto, a existência tem um sentido «a priori», porque o mito ainda está carregado de vida. Essas mesmas situações para o racionalista aparecem, freqüentemente, como desprovidas de qualquer sentido, porque este se encontra diante de dados irracionais. Para ele o mito não tem nenhuma significação existencial. Como estranhar que o eu pensante, fechado em seus limites estreitos, se aparte da vida do centro? Através do mito, o homem permanece ligado a uma realidade maior que o seu eu; e as verdades expressas nesse mito exercem influência em sua vida. E' em relação ao centro, realidade fundamental da estrutura psíquica, parecendo mesmo ser a realidade absoluta, que toda a vida adquire sentido. Portanto, pode-se dizer que todo homem é por natureza *homo religiosus*.

Naturalmente, os caminhos para chegar ao centro são os mais diversos e importa que cada um encontre o seu. De resto o centro é uma realidade analógica e em seu fundo está a *Imago Dei*. Desde que o homem viva em relação com este centro e tome em consideração os mistérios da alma em sua vida, devemos reconhecer que não só assumiu seu destino humano, mas também, do ponto de vista cristão, vive de alguma maneira os mistérios da vida de Cristo, Filho do Homem e Filho de Deus.